

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Juro Hora

Class.: 1D50048

Data: 14 de Outubro de 1982

Pg.: _____

Índio Pedemar reclama: falta respeito

¹⁹⁰
O índio Pedemar Maraguara Poram, responsável pela conservação do Parque das Sete Quedas de Guaira e acusado de sabotagem quando uma das pontes sobre as cachoeiras desabou, provocando a morte de diversas pessoas está em Porto Alegre com sua mulher Tanira. Ainda ressentido com o episódio ocorrido em janeiro, e sem entender porque resolveram transformá-lo em bode expiatório naquela ocasião, lembra que, inclusive, estava em Porto Alegre no dia do incidente e, casualmente, no momento em que a ponte desabava, se encontrava tirando fotografias na praça da Matriz, após ter visitado a Catedral.

Pedemar está na cidade para repousar, pois, no dia 23 de setembro, quando retirava suas últimas coisas do Parque das Sete Quedas, foi envolvido em um acidente de carro, tendo quebrado uma costela. Antes de vir para Porto Alegre, ainda passou em Londrina, para cumprir um compromisso marcado. Não fosse a tentativa de tirar uma radiografia no Pronto Socorro e Pedemar permaneceria incógnito na cidade. Mas ficou tão impressionado com o tratamento que recebeu no local que resolveu tornar públicas as suas queixas.

"Fui ao tal de Pronto Socorro fazer a radiografia, me deitaram numa mesa e aí começaram a me apertar de um lado e de outro, e me fizeram andar de uma sala a outra e uns me perguntavam se a dor que eu tinha já não era antiga e queriam dizer que eu estava com tuberculose e outros ficavam gozando a minha cara porque sou índio, até que me disseram que não iam me atender porque o acidente tinha ocorrido há muitos dias e eu devia procurar a Santa Casa". Pedemar e Tanira não entendem porque não avisaram logo que a radiografia não podia ser feita e tampouco porque não acreditaram neles quando afirmaram que o índio havia sofrido um acidente e fraturado a costela.

Diz Pedemar que queriam, inclusive, pagar a radiografia, mas que fo-



Pedemar Maraguara Poram

ram tratados como indigentes o tempo todo, sem a menor consideração. O índio preferiu nem procurar a Santa Casa, pois garante que já conhece a instituição devido a problemas de saúde de um índio das reservas gaúchas que levou lá, e não é diferente. "O índio tava morrendo e queriam saber quantos anos ele tinha, o nome do pai e da mãe e todas essas besteiras", explica Pedemar. Uma coisa que o impressionou muito, segundo diz, foi a falta de respeito que o gaúcho, de uma maneira geral, tem com os índios. "Pensam que o índio é bicho ou marginal. A gente anda na rua e fica todo mundo olhando, apontando, ou fazendo piadinha".

Tanira acrescenta que, talvez pela aparência de ambos, seus modos ou maneira de vestir, têm enfrentado situações constrangedoras como a de pedir uma refeição em um restaurante e o garçon, antes de servir, perguntar se efetivamente eles têm dinheiro para pagar a conta. Outra coisa que impressiona muito Pedemar nas cida-

des, Porto Alegre entre elas, é a violência e a repressão. "A gente pra sair na rua tem que se vestir de um certo modo e corre o risco de ser assaltado ou, então, tem que estar a todo momento mostrando os documentos para provar quem é".

A respeito do alagamento das Sete Quedas, local onde Pedemar trabalhava há seis anos, diz que "o branco destrói tudo e não tem amor", acrescentando que o brasileiro "tem que deixar de ser covarde" e lutar pelo que é dele. "Brasileiro é que nem santo, só vive de promessa e acredita em tudo que dizem". Diz que "só na cabeça desse Governo poderia passar a ideia de acabar com aquela maravilha". Tanira, por sua vez, comenta a movida que nunca viu nada igual a Guaira e que a catarata de Foz de Iguaçu não tem nem comparação em termos de beleza e volume de água. "Nós dois ficamos muito nervosos naqueles últimos dias antes de fechar o parque, em que vinha turista de todo lado chorar o fim das Sete Quedas".

Agora, Pedemar e Tanira vão trabalhar no Parque Nacional de Foz de Iguaçu, mas sabem que não vai ser a mesma coisa. Pedemar, com seus 55 anos, conta que saiu da Amazônia, de sua tribo Ipichuna, em 1930, para estudar. De lá para cá, por seu temperamento "xereta", como ele mesmo define, percorreu boa parte do Brasil e países vizinhos, tornando-se conhecido e tendo trabalhado, inclusive, em cinema, televisão e teatro. "Fui a Guaira conhecer o lugar, gostei e acabei ficando". Pedemar e Tanira concordam que a vida no mato é muito melhor e mais saudável que a vida na "dita civilização dos brancos".

— No mato, a gente grita, dança, vira cambalhota, anda nu e ninguém se importa, acha até bonito. Na cidade, tem que andar todo arrumadinho, coberto, não pode fazer nada que vai pra cadeia ou para um hospício mas, assim mesmo, não há respeito pela pessoa humana.